



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

OS CAMINHOS DA MEMÓRIA NA ESCRITA DE SYLVIA ARANHA DE OLIVEIRA RIBEIRO SOBRE A AMAZÔNIA

Álvaro Jardel Conceição Santos de Oliveira¹ e Kátia Helena S. Cruz Schweickardt²

“Na literatura, (...) é sempre possível encontrar uma concepção-do-mundo, inerente à obra considerada em si mesma, concepção esta que deriva da atitude criadora do artista, configurando ou interpretando a realidade”
(NUNES, 1966, p. 15).

RESUMO

Estudar obras de escrita feminina que versam a Amazônia é uma tarefa intelectual de muitos desafios. Dentre eles, destacamos um cenário de pouco movimento de interesses entre os estudiosos do pensamento social e literário na região, além da fugaz construção de identidades dos trabalhos já existentes que procuram compreendê-la pelo olhar do feminino. Embora as investigações sobre o pensamento social na Amazônia possuam uma importante expressividade de trabalhos, esses ainda se pautam pela investigação de intérpretes e literatos masculinos. O presente trabalho procurará apontar as primeiras incursões nas obras memorialísticas de Sylvia Aranha de Oliveira Ribeiro (1930) na tentativa de elegê-la como “uma intérprete inaugural” da região (BASTOS e PINTO, 2007). Nosso intento maior será o de trilhar alguns caminhos de interpretação em vista de irmos compondo referências e instrumentos interpretativos que nos permitam adensar o olhar sobre os trabalhos da referida autora sobre a Amazônia.

Palavras-chave: Amazônia, Escrita feminina, Intérpretes, Memória, Sylvia Ribeiro.

INTRODUÇÃO

Foi durante o trabalho de campo para obter dados em vista da feitura de minha dissertação de mestrado³ que tive contato com a vida e a obra de Sylvia Aranha de Oliveira Ribeiro. Seus trabalhos me serviram como referências importantes sobre a atuação da Igreja Católica na organização política e sindical dos trabalhadores rurais na região do baixo e médio Amazonas. Nessa busca, fui percebendo que as obras de Sylvia extrapolavam o imaginário religioso vivido na região e me apontavam para um conjunto de imagens identitárias sobre a Amazônia (BASTOS e PINTO, 2007), advindo de registros e experiências vivenciadas pela própria escritora.

¹ Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-graduação em Sociologia. alvarojardel@gmail.com

² Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-graduação em Sociologia. katia.helena.ufam@gmail.com

³ OLIVEIRA, Álvaro Jardel de Oliveira. *O Rio, o Anel e a Estrela: Interfaces Socioantropológicas do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Estado do Amazonas*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ao me aproximar de parte de seus livros fui me dando conta de narrativas sistemáticas sobre a vida na região a partir da expressão de visões, interpretações e algumas tramas históricas que foram organizadas com o intuito de evidenciar os processos sociais amazônicos com o cuidado de relacioná-los e conciliá-los com as ideias envolvidas à *nação* (RIBEIRO, 2010). Desse ponto em diante, Sylvia Ribeiro nos revela sua trajetória como escritora. Tal trajeto nos interpela a olhá-la como uma possível intérprete do pensamento social sobre a Amazônia por meio da linguagem literária (BASTOS e PINTO, 2007).

Esse artigo se propõe à incursão embrionária na obra de Sylvia Ribeiro como uma intérprete considerando suas ideias, seu campo de visão e seu imaginário sobre a região. Dela partimos para a construção de uma busca, que se perpetuará por certo tempo, que se resume na seguinte questão: que instrumento escolher para analisar o conjunto de elementos com o qual as ideias estão relacionadas sobre a Amazônia nas obras literárias de Sylvia A. de Oliveira Ribeiro? (BASTOS e PINTO, 2014). Penso que esse artigo será o primeiro esforço a responder essa questão.

Figura 1: Sylvia Aranha de Oliveira Ribeiro.



Fonte: Trabalho de campo. Associação D. Jorge Marskell, Itacoatiara/AM, 2013.

SYLVIA– VIDA E OBRA



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sylvia Aranha de Oliveira Ribeiro nasceu no Rio de Janeiro em 1930. Seus pais eram sergipanos, mas que se radicaram em São Paulo. Desde quando chegou a Itacoatiara⁴ no estado do Amazonas em 1977, Sylvia sempre teve a preocupação de escrever suas experiências. Não é de se estranhar que hoje ela acumula número expressivo de publicações sobre o Amazonas revelando seu esforço, ao longo desses anos, de registrar os fatos que mais lhe marcaram estando na Prelazia⁵ de Itacoatiara.

Filósofa de formação e Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo, Sylvia Ribeiro chega ao Amazonas em julho 1977 para se dedicar ao trabalho na Prelazia como voluntária leiga. O que mediou sua vinda para essa porção do Amazonas era um projeto das Igrejas-Irmãs⁶, São Paulo-Itacoatiara. Encanta-se pelo modo de vida amazônico e estabelecendo sua morada, inicialmente, em Itacoatiara e, logo depois no município de Silves, passa a acompanhar a equipe de D. Jorge Marskell (1935-1998)⁷ nas visitas junto às comunidades da região.

Pôde dar formação catequética e popular aos agentes pastorais da Prelazia. Em pouco tempo, torna-se uma importante liderança. Narra suas memórias como animadora pastoral chamando atenção para a comunhão de experiências que permitiram oferecer aos agentes pastorais e catequistas estima, formação catequética e perspectiva de organização social sempre com certa descrição, nunca se impondo sempre indo ao lado, acompanhando.

Num entrevista que realizei com Sylvia, fui percebendo que suas repostas eram bem curtas e precisas. Acho que sua simplicidade também se expressava na maneira de tratar sua memória de vida e esse mesmo estilo acompanha seus escritos também. Não há grandes construções frasais, parágrafos rebuscados, axiomas filosóficos. Escutando Sylvia lembrei-me dos escritos de José de Souza Martins (1992, 1997, 2012) quando narra que muitas vezes a

⁴ A cidade de Itacoatiara está localizada às margens do Rio Amazonas no extremo norte brasileiro. Conhecida como “Cidade da Pedra Pintada”, está distante há 277 quilômetros da cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. Embora seja banhada pelo maior rio do Brasil, o principal acesso ao município é por via terrestre pela estrada AM 010.

⁵ “Prelazia territorial: criada para organizar eclesiasticamente território que ainda não tinha elementos mínimos para se constituir em diocese, com clero próprio e suporte econômico. Confiada a um prelado, que a governança à semelhança do bispo diocesano” (RIBEIRO, 1991, p. 11).

⁶ O Projeto Igrejas Irmãs Prelazia de Itacoatiara e Arquidiocese de São Paulo foi acordado no ano de 1974 e objetivo central era promover um intercâmbio, sobretudo de pessoas, entre as duas Igrejas particulares em vista de se alcançar uma ação pastoral mútua e solidária (RIBEIRO, 1991).

⁷ Bispo católico que administrou a Prelazia de Itacoatiara/AM de 1978 a 1998.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

história atravessa a vida das pessoas bem concretas e é por essa causa que a história torna-se concreta. Na presença de Sylvia tive essa sensação. Em determinada aula inaugural, Antônio Cândido afirmava que “o tempo é o tecido da nossa vida” (KEHL, 2009). As memórias de Sylvia Aranha me confirmaram também tal expressão de Cândido. A história e o tempo são marcas definitivas daquilo que Sylvia narra por meio da escrita.

Sylvia publicou livros – aqui citados com as respectivas datas de suas primeiras edições – como: “Vida e Morte no Amazonas” (1991), “Sumaré: gente em busca da flor” (1999), “E Deus visitou seu povo: História do Povo de Deus em Itacoatiara” (2003), “Comandante Lourenço” (2006), “Mano Jorge. Biografia de Dom Jorge Marskell” (2008), “Francisca e a utopia da liberdade” (2010), “Encontros das Águas” (2011), “Uma colônia chamada Itacoatiara” (2012), “Batalha naval de Itacoatiara: onde o sul se encontra com o norte” (2014).

METODOLOGIA

Os acontecimentos que Sylvia narra estão temporalmente situados a partir da década de 1970. Tal referência torna-se importante se partimos da compreensão de Paul Ricoeur ao afirmar em *Tempo e Narrativa* que: “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna condição da existência temporal” (RICOUER, 2010, p. 93). Narrando as suas “práticas da memória feminina” (PERROT, 2005), Sylvia Ribeiro perscruta suas lembranças nos levando à compreensão em torno das representações e da experiência em torno do sagrado e do mundo rural amazônico. Sua narrativa memorialística projeta-se numa estilo histórico e romancista.

A opção tomada possui uma importante distinção: “entre fugacidade dos traços e oceano do esquecimento” (PERROT, 2005, p. 31), os caminhos da memória de Sylvia Aranha são fortes, precisos e permanentes. Antes de estreitos são alargados como a lona de uma tenda e devem, portanto, serem tomados por si mesmos como importantes fontes históricas de parte dos processos sociais construídos nas várzeas do Amazonas, como por exemplo, a organização social, política e religiosa na Amazônia.

Michelle Perrot em *As mulheres e os silêncios da história* (2005) tomando como referência temporal o século XIX e a discussão entre a memória da vida pública e privada, destaca a sombra que recobre a memória das mulheres e suas manifestações na história. Há



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ausência de espaço, de fontes primárias, de temas específicos às mulheres, uma vez que boa parte da historiografia da memória privilegia os espaços públicos como a política e a guerra construídos, ao longo da história, como masculinos.

Os arquivos históricos – conforme literatura do século XIX – pouco mencionam às vozes femininas e quando elas estão presentes a referência é mínima. Os arquivos privados seriam um lugar de manifestação permanente das mulheres? Em parte a resposta é sim. Na compreensão de Michelle Perrot (2005), “na medida em que as mulheres se expressam muito mais abundantemente neles (nos arquivos privados), e até mesmo devido ao fato que, como secretárias da família, elas foram produtoras destes arquivos” (PERROT, 2005). E aqui temos um conjunto de itens que formam esses arquivos particulares: correspondências familiares, escritos domésticos, memoriais, diários.

Tal conjunto bem expressa que as mulheres, ainda que no espaço reservado, nunca deixaram de falar, de escrever e de se expressar, mesmo que essas manifestações fossem vistas com certa desconfiança e até expressão de uma histeria feminina (PERROT, 2005). Por isso, mantinham um controle permanente do que escreviam e limitavam o acesso a esses escritos que muitas vezes elas, para não sofrerem com a indiferença e com a incompreensão, davam fim a eles antes que viessem a se tornarem públicos (PERROT, 2005).

A memória das coisas (PERROT, 2005) é o espaço central reservado às mulheres. Essa relação entre o vivido e a materialidade gerada por essa vivência faz com que as mulheres retenham para si um conjunto de coisas que na verdade são símbolos do cotidiano vivido, sofrido, gozado.

Essas práticas implicam na ideia de uma capitalização do tempo, cujos instantes privilegiados podem ser revividos pela rememoração, reinterpretados, como uma peça de teatro representada sem cessar (PERROT, 2005, p. 38).

Nesse caso, essa materialidade pode ser um simples caderno de anotações, um diário, uma brochura. O que importa é o quê essas “coisas” têm registradas nas suas linhas: as ideias expressas, os fatos ocorridos, as intrigas vividas. Em síntese, a memória vivida e ali materializada pela escrita. O que há de diferencial na forma desses registros é a maestria que as mulheres construíram de relatar o detalhe íntimo das coisas e dos fatos. Essa maneira de que elas possuem de perscrutar o tempo e o espaço vivido.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim, os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo acontece com seu modo de rememoração, da encenação propriamente dita do teatro da memória. Por força das coisas, ao menos para as mulheres de outrora e para o que resta do passado nas mulheres de hoje (e que não é pouco), é uma trajetória do privado, voltada para a família e para o íntimo, aos quais elas estão de certa forma relegadas por convenção e posição (PERROT, 2005, p. 39).

O escrever sobre as coisas, na verdade, é escrever sobre a sociedade em que se vive. É narrar sociabilidades, práticas, experiências sobre um ponto de vista, a partir de uma maneira de ser e de enxergar o mundo. É estabelecer um tipo de relação com o tempo – tecido da vida – e com o espaço onde se vive e se constrói as relações do existir. Nesse caso tempo, espaço e memória “assim como a existência de que ela é o prolongamento, é profundamente sexuada”, no caso que estamos tratando, *feminina*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente nos acercamos de três obras de Sylvia Ribeiro para compreender a experiência da Prelazia de Itacoatiara junto à organização política e sindical camponesa narrada pela memória da referida autora. São elas: *Vida e Morte no Amazonas* (1991); *E Deus visitou seu povo: História do Povo de Deus em Itacoatiara* (2003) e *Mano Jorge. Biografia de Dom Jorge Marskell* (2008). Tomamos algumas partes dessas diferentes obras identificando os elementos que nos ajudam a compor os sentidos construídos e apontados por Sylvia entre a organização social dos trabalhadores rurais no Amazonas tendo a eclesialidade e a pastoral elementos fundamentais para essa organização da luta camponesa. Ao mesmo tempo, as obras tomadas em si e animadas pelo contexto de sua escrita, revelam os caminhos trilhados pela escritora quanto a seu estilo, a sua forma de interpretar a região e seu imaginário que anima e dá forma aos relatos mencionados.

1) “VIDA E MORTE NO AMAZONAS”

Operária da undécima hora. É assim que Sylvia de Oliveira Ribeiro se define na introdução do seu primeiro livro escrito sobre a região: “*Vida e Morte no Amazonas*” publicado no ano de 1991. Livro que narra as suas memórias de vida e de trabalho na Prelazia de Itacoatiara, mas que ao longo desses anos tornou-se uma importante obra histórica sobre a organização social e eclesial no médio e baixo Amazonas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Esses escritos nascem a partir de um pedido. Até então, Sylvia não havia pensado em colocar no papel suas vivências como voluntária-leiga no Amazonas. Mas, a partir do pedido feito, percebe que os relatos poderiam ser uma importante fonte de memória e história sobre a Prelazia de Itacoatiara que tinha uma ação pastoral e social bem intensa e, ao mesmo tempo, responderia a uma solicitação desejada pelo público acadêmico.

Em 1985, chegando a São Paulo de uma das minhas vindas do Amazonas, em conversa com a vice-reitora acadêmica da Pontifícia Universidade Católica, Professora Sílvia Lane, sugeriu-me ela que escrevesse o relato das minhas experiências nesses anos em que me encontro no Amazonas, na prelazia de Itacoatiara. Na sua opinião, seria uma interessante contribuição para a Universidade (RIBEIRO, 1991, pp. 10-11).

Por um momento, lhe abateu certa resistência em escrever. “Afim, escrever para que e para quem? E o que poderia dizer?” (RIBEIRO, 1991, p. 13). Tal resistência acabara confirmando a dificuldade não somente de Sylvia Ribeiro, mas de outras mulheres, de que há passagens na vida delas, mesmo com a escrita, que se mostram muito fugazes, ou aparentam ser, e nisso repousa “a dificuldade de reencontrar uma memória desprovida de traços” (PERROT, 2005, p.37). Há certa retração na matéria que se deseja escrever como se isso não interessasse ao público porque o escrito pode ressoar como algo demasiado singular, desprovido de existência e abstrato (PERROT, 2005).

O que se tem passado aqui é a vida pequena, humilde, sofrida, muitas vezes solitária, não porém sem beleza e heroísmo. É o povo que teima em caminhar, porque tem fé, porque a esperança é o segredo dos pobres e a busca de comunhão dá sentido à vida (RIBEIRO, 1991, p. 13).

No mesmo relato percebemos uma transição da resistência de escrever para o escrever como missão. Sylvia Ribeiro percebe que as experiências de sociabilidade entre o povo amazonense geraram um acúmulo de outras experiências que acabaram por revelar a dinâmica de vida desse mesmo povo, e por isso, valeria a pena escrever sobre ele partindo de suas vivências. “Este povo merece ser conhecido, por isso aceitei a proposta de fazer este relato” (RIBEIRO, 1991, p. 13). A escrita, nesse sentido, é tomada como missão. Já não mais uma tarefa estritamente íntima, particular e silenciosa, mas torna-se palavra pública.

Porém, mesmo como missão e expressão pública, a escrita não é tarefa fácil. Se no passado a escrita das mulheres era algo restrito ao domínio privado (PERROT, 2008) no presente, quando esses escritos são públicos, correm o risco de serem vistos como elaborados



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

demais e não dignos de reconhecimento. Essa não deixou de ser uma preocupação inicial de Sylvia Ribeiro diante do público sobre o qual escrevera. Ela desejava ser compreendida por ele e queria que ele também compreendesse a história pela sua visão. Aqui havia um desafio a ser encarado: permitir uma conciliação da mulher douta escritora com a mulher leiga e voluntária entre o povo. O ato de escrever se tornaria um lugar para essa conciliação.

Gostaria de escrever para o povo pobre com quem vivo, mas não posso esquecer de que sou da classe média, conheço um pouco de filosofia, tive algum contato e experiência com outras culturas. Falta-me a linguagem dos pequenos (RIBEIRO, 1991, p.13).

O ato de escrever de Sylvia Ribeiro além de ser um exercício de memória, tarefa sugerida, reconciliação entre habilidades é também um ato de fé, uma profissão de fé. Se acompanharmos bem o que a motiva vir para o Amazonas a trabalhar como leiga e missionária veremos uma profunda motivação experimentada na fé eclesial cristã. Seus escritos narram essa experiência.

Esses escritos são frutos de fé: no espírito, no Reino de Deus, nos irmãos. O povo amazonense tem uma fé profunda, e isso quero lembrar aos eventuais leitores amigos que não partilharem dessa crença; sem este dado presente, não compreenderão o relato (RIBEIRO, 1991 p.14).

Ao mesmo tempo, sinaliza um tipo de sociabilidade desafiadora, ainda nos dias atuais, que é a inserção da mulher numa instituição como a Igreja, marcadamente, masculina. “Sou mulher, solteira e leiga, o que dentro de uma estrutura de Igreja em que trabalho como agente pastoral determina uma situação muito particular” (RIBEIRO, 1991, p. 13). As relações entre as diferentes religiões e as mulheres em qualquer tempo e lugar sempre se caracterizaram como ambivalentes e paradoxais (PERROT, 2008). Pois ao mesmo tempo em que as religiões exercem o poder sobre as mulheres elas também são contra poder nas religiões. Conforme exemplifica Perrot, (2008):

Poder sobre as mulheres: as grandes religiões monoteístas fizeram da diferença dos sexos e da desigualdade de valor entre eles um de seus fundamentos. A hierarquia do masculino e do feminino lhes parece da ordem da Natureza criada por Deus. [...] as mulheres fizeram a base de um contra poder e de uma sociabilidade. A piedade, a devoção, era, para elas, um dever, mas também compensação e prazer. Elas podiam se encontradas nas igrejas paroquiais, na suavidade dos reposteiros e do conto coral [...]. Encontrar socorro, e mesmo ser ouvida pelos padres, seus confessores e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

confidentes. A Igreja oferecia um abrigo às misérias das mulheres, pregando, entretanto, sua submissão (PERROT, 2008, pp. 83-84).

Sylvia Ribeiro expressa sua percepção e o lugar social que como mulher, solteira, leiga e voluntária ocupa na Prelazia de Itacoatiara. Por outro lado, é o mundo onde se situa para relatar sua vida e seu trabalho voluntário e pastoral. É esse mundo do texto embalado pela vida, pelo trabalho e pela inserção no modo de vida e de reprodução do camponês amazônico que mais nos interessa aqui, pois o que Sylvia Ribeiro narra nos seus escritos acaba iluminando a dinâmica que se desenvolveu entre trabalhadores rurais, organização social por meio do sindicalismo rural e Igreja. Embora não trate desses temas diretamente o que percebemos é eles acabam sendo transversais e iluminam outras ações que fora desenvolvidas nas pastorais da Prelazia.

2) “E DEUS VISITOU SEU POVO: HISTÓRIA DO POVO DE DEUS EM ITACOATIARA”

A leitura do livro *E Deus visitou seu povo – História do povo de Deus em Itacoatiara*, publicado em 2003, o sentimento que nos colhe é de visitaçào do tempo por meio de uma linguagem simples que revela a memória dos fatos e os acontecimentos da vida de um povo que pôde construir a sua história social e política tendo como mediador o espaço eclesial.

Ocupado por diferentes trajetórias de vida, esse espaço, viu surgir à confluência de forças sociais que possibilitaram a construção de identidades políticas que motivavam e respaldavam as lutas sociais (NOVAES, 1997) em torno de um projeto com forte apelo eclesial, mas que não se descuidava da organização, cujos apelos vinham do campo.

O livro traz no seu conjunto importantes registros que narram a aproximação entre Igreja Católica e os trabalhadores do campo acionando os diferentes organismos que se constituíram para concretizar essa aproximação e atender demandas. Dentre esses organismos a Comissão Pastoral da Terra – CPT ganha um importante destaque por ter sido uma pastoral social que na sua origem apontava para as diferentes contradições que estavam ou que eram envolvidos os trabalhadores rurais e as relações que eles estabeleceram tendo como elo norteador a própria pastoral como alternativa de organização (NOVAES, 1997).

Sylvia Ribeiro narra que a CPT surge em Itacoatiara no ano de 1975 após D. Jorge Marskell ter participado do encontro da pastoral em Goiânia (RIBEIRO, 2003). A ideia era



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

concentrar esforços e ações num grupo que procurasse solucionar e mediar, sobretudo, as dificuldades e os conflitos que envolviam os trabalhadores rurais da Prelazia e para além dela. A CPT nasceu em Itacoatiara já com status de uma pastoral intermunicipal e inter-regional. No ano de 1977, em Manaus, foi realizado o primeiro Encontro Regional da CPT envolvendo diferentes municípios do estado, embora a concentração dos representantes tenha se dado pelos municípios do baixo e médio Amazonas.

As experiências sociais coletivamente vividas no âmbito da CPT narradas por Sylvia Aranha (2003) mostraram que, aos poucos, uma identidade coletiva estivera sendo formada entre os trabalhadores rurais do médio e baixo Amazonas. Essa identidade se estabelecia no âmbito dos grupos organizados que foram surgindo ao longo das ações da CPT na região.

Assim, os dados de memória encontrados na obra de Sylvia Ribeiro nos ajuda a identificar ações de organização social, a maneira como elas foram desenvolvidas e as consequências que povoaram as práticas e sonhos dos trabalhadores rurais possibilitando o delineamento de uma identidade social de trabalhadores rurais organizados a partir do universo eclesial e que mais tarde ganha novos rumos e ocupa diferentes espaços.

3) “MANO JORGE. BIOGRAFIA DE DOM JORGE MARSKELL”

Trata-se de um trabalho escrito e publicado em 2008, ano do falecimento de D. Jorge Marskell considerado uma importante liderança religiosa carismática que desenvolveu diferentes trabalhos de organização social no Baixo e Médio Amazonas, sobretudo, a partir da década de 1970.

Sylvia Ribeiro escreve essa obra biográfica motivada pela experiência do convívio que teve com o padre e depois bispo D. Jorge Marskell, que assim como marcou a vida do povo que ele servira, também marcou sua vida como voluntária leiga na Prelazia de Itacoatiara. Sylvia acompanhara boa parte das visitas realizadas por D. Jorge às comunidades da região do Baixo e Médio Amazonas o que lhe fez conhecer de perto a atuação do bispo católico junto ao povo.

Nesse sentido, relata que a biografia partira da ideia central de que a vida de Jorge estava intimamente ligada à vida do povo a qual servira tantos anos. E por isso, deveria começar sua narrativa sobre esse argumento. Na expressão *mano*, colhida de um informativo escrito que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

circulava entre as comunidades da região, acabara sintetizando a descrição do caráter e da personalidade, do jeito de ser e agir, de viver e de amar da liderança católica.

Ao mesmo tempo, o relato nos ajuda a entender as opções que Sylvia toma na arte de escrever. Detêm-nos na síntese do universo de sua escrita envolvendo diferentes personagens e lugares, isto é, D. Jorge, o “povo de Deus”, o Amazonas e a Amazônia como num todo. Embora narre a vida do missionário, ela mostra os diferentes caminhos que ela também viera a partilhar e que lhe ajudou a formar os traços do seu imaginário sobre a região permitindo desenvolver e lançar um olhar distinto marcado, principalmente, por uma visão feminina do sagrado e das demais experiências sociais configuradas na região amazônica.

CONCLUSÕES – ALARGANDO A TENDA

Conforme expressei no início do artigo, meu intento maior foi o de constituir instrumentos que me levem a interpretar a literatura de Sylvia Ribeiro considerando-a como uma intérprete da realidade amazônica. No texto, vamos encontrar os primeiros esforços dessa constituição que me possibilitam alargar duplamente o olhar sobre o horizonte da pesquisa e a lona que cobre a tenda onde estão encobertos os trabalhos de Sylvia Ribeiro com o desejo de descobri-los.

Aqui nos preocupamos, de maneira inicial, em apresentar a autora e o espaço que anima sua escrita, bem como, o contexto de sua produção literária, cuja centralidade está toda voltada para os processos sociais, políticos e religiosos vivenciados na Amazônia amazonense. Com isso, as três obras tomadas (*Vida e Morte no Amazonas; E Deus visitou seu povo: História do Povo de Deus em Itacoatiara* e *Mano Jorge. Biografia de Dom Jorge Marshell*) nos ajudaram a situar-nos no trajeto interpretativo a ser percorrido tendo como ponto de partida o imaginário, as ideias e as perspectivas da escritora. Seria uma primeira aproximação do mundo de Sylvia Ribeiro, pois há outros trabalhos a serem considerados.

E por se constituir uma aproximação, esse movimento nos desafia a continuar no sentido de buscarmos definir com maior precisão recortes de pesquisa sobre os caminhos literários de Sylvia A. de Oliveira Ribeiro como uma intérprete da Amazônia. Isso me obrigará a fazer escolhas teóricas e metodológicas; eleger autores e campos de reflexão e interpretação, além da inserção no debate da área interdisciplinar do pensamento social e literário. Por outro lado, vejo que o passo inaugural foi dado. No debate, a troca de ideias se



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

faz fundamental. Em vista disso, vejo na publicação desse trabalho uma oportunidade única e necessária.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Élide Rugai; PINTO, Renan Freitas (Orgs.). *Vozes da Amazônia. Investigação do Pensamento Social Brasileiro*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

_____. *Vozes da Amazônia II*. Manaus: Editora Valer e Edua, 2014.

GUIMARÃES, Maria Stella Faciola; CASTRO, Edna Maria Ramos de. *Benedito Nunes e reflexões sobre a Amazônia*. Bol. Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas. Belém, v.6, n.2, pp.409-424, maio/agosto, 2011.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, José de Souza. *Entrevista*. Estudos Avançados 11(31). São Paulo: USP, 1997.

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio, vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao final da República Velha*. São Paulo: Hucitec e Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

NOVAES, Regina Reyes. *De corpo e alma: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo*. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.

NUNES, Benedito. *O mundo de Clarice Lispector*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução: Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

RIBEIRO, Odenei de Souza. *Região e Conciliação*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas – EDUA, 2010.

RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. *Mano Jorge: biografia de D. Jorge Marskell*. Manaus: Editora Valer, 2008.

RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. *E Deus visitou seu povo: história do povo de Deus da Prelazia de Itacoatiara*. Manaus: EDUA, 2003.

RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. *Vida e morte no Amazonas*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.